

AVALIAÇÃO E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

SUELI JUNGES¹

JAIR TURCATTO²

RESUMO: O objetivo deste artigo é discutir a avaliação compreendendo seu significado e como ela ocorre hoje nas escolas, trazendo uma perspectiva do que se espera da prática avaliativa. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica baseada em autores que discutem o tema e desenvolveram teorias baseadas em uma concepção que objetiva a busca e o desenvolvimento de uma avaliação participativa, coerente com processo educativo. Entende-se que a mesma não pode ocorrer de forma isolada e classificatória, visando à atribuição de notas e conceitos, mas sim como instrumento de aprendizagem melhorando a prática docente contribuindo na busca de melhores resultados no processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Avaliação; aprendizagem; processo.

ABSTRACT: The purpose of this article is to discuss the evaluation, understanding its meaning and how it occurs in schools today, bringing a perspective of what is expected of the evaluation practice. This is a bibliographical research based on authors who discuss the theme and developed theories based on a conception that aims to search and develop a participatory evaluation, consistent with the educational process. It is understood that it can not occur in an isolated and classificatory way, aiming at the assignment of notes and concepts, but rather as a learning instrument, improving the teaching practice, contributing to the search for better results in the teaching and learning process.

Keywords: Evaluation; learning; process.

1 INTRODUÇÃO

A prática da avaliação nas escolas sempre foi muito discutida, tanto pelos alunos que costumeiramente reclamam das metodologias usadas nesse processo, como para os professores que em grande parte julgam a avaliação como sendo a parte mais difícil de ser realizada no processo educativo. Para Esteban (2003, p.8), “O processo de avaliação do resultado escolar dos alunos e alunas está profundamente marcado pela necessidade de criação de uma nova cultura sobre avaliação, que ultrapasse os limites da técnica e incorpore em sua dinâmica a dimensão ética”. Dessa forma o presente trabalho busca investigar de que forma ocorre a prática avaliativa nas escolas hoje e o que é levado em conta em sua realização. Justifica-se a partir da

¹ Acadêmica do 4º semestre do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI

E-mail:sueli.junges@hotmail.com

² Professor do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI e orientador do projeto. E-mail:

jair@seifai.edu.br

necessidade de um replanejamento sobre esse processo de forma que se torne um meio de auxiliar a aprendizagem, não sendo realizada como um processo isolado para classificar os alunos de acordo com seu desempenho, mas que aconteça de forma contínua dando suporte para o professor na medida em que investiga potencialidades e fragilidades que podem ser trabalhadas e servindo como fonte de aprendizado para os alunos.

2 AVALIAÇÃO COMO PRÁTICA ISOLADA E CLASSIFICATÓRIA

Segundo Esteban (2003), muitas vezes a avaliação acontece como um processo isolado do processo de ensino aprendido, tendo como objetivo classificar as respostas dos alunos privilegiando os acertos e condenando os erros seguindo um padrão idealizador. Depresbiteris (1991) diz que o professor deve verificar o tipo de erro cometido pelo aluno observando sua aprendizagem para compreender seu motivo e origem para juntos fazerem uma correção sem punir o aluno por sua falha desestimulando-o.

Para Garcia (2003, p.29) “A avaliação sempre foi uma atividade de controle que visava selecionar e, portanto, incluir alguns e excluir outros”. Não levando em conta dessa forma, a multiplicidade de conhecimentos e o processo de construção que o aluno desenvolveu. Limitando as diferentes possibilidades de interpretação e individualidades de pensamento existentes.

O prazer de aprender desaparece quando a aprendizagem é reduzida a provas e notas; os alunos passam a estudar “para se dar bem na prova” e para isso têm de memorizar as respostas consideradas certas pelo professor ou professora. Desaparecem o debate, a polêmica, as diferentes leituras do mesmo texto, o exercício da dúvida e do pensamento divergente, a pluralidade. A sala de aula se torna um pobre espaço de repetição, sem possibilidade de criação e circulação de novas idéias (GARCIA, 2003, p 41).

Hoffmann (2010) ressalta que muitos professores compreendem a ação e a avaliação como processos diferentes e separados, trabalhando durante determinado tempo (bimestre, trimestre), e ao final desse período avaliam seu rendimento através de conceitos, notas ou pareceres. A avaliação torna-se assim apenas uma forma de avaliar resultados, sem levar em conta a necessidade de uma análise dessas informações. “A avaliação é essencial à educação. Inerente e indissociável enquanto concebida como problematização, questionamento, reflexão sobre a ação” (HOFFMANN, 2010, p.15).

No que se refere ao ensino e à aprendizagem, a avaliação tem sido executada como se existisse independente do projeto pedagógico e do processo de ensino e, por isso, tem-se destinado exclusivamente a uma atribuição de notas e conceitos aos alunos. Não cumprindo a sua verdadeira função de mecanismo a serviço da construção do melhor resultado possível, uma vez que tem sido usada de forma classificatória e não diagnóstica (LUCKESI, 2010, p. 150).

O processo de avaliação julga apenas as variantes por parte do aluno, não cumprindo sua função elementar de investigação do processo educativo. Segundo Méndez (2002, p. 17), avaliar apenas no final do processo, “é chegar tarde para garantir a aprendizagem contínua e oportuna. Neste caso e neste uso, a avaliação só chega a tempo para qualificar, condições para a classificação, que é o passo prévio para a seleção e para a exclusão racional”.

Conforme Hoffmann (2010), muitos professores utilizam a avaliação como forma de constatar resultados, se o aluno aprendeu ou não e o quanto ele aprendeu. Assim como um médico quando solicita a realização de um exame, consegue através deste diagnosticar alguma doença e receitar um remédio, o professor acaba servindo-se da avaliação para verificar se o aluno apresenta alguma dificuldade e encaminhar para auxílio pedagógico.

Hoffmann (2003) questiona até que ponto as notas obtidas em provas e outros meios de classificação representam a qualidade da educação desenvolvida e a formação de um aluno. O professor deve assumir seu compromisso frente às diferenças individuais de seus alunos. Não padronizando as respostas esperadas quando “pode ter várias respostas possíveis e lógicas, uma vez que se refere a realidades diferentes, indivíduos diferentes, vivendo, cada um, sua própria experiência de vida. Há também a interpretação das respostas pelos professores a partir de seu jeito de perceber as coisas” (HOFFMANN, 2003, p. 30).

A avaliação, quando utilizada com um objetivo classificatório, não valoriza as características particulares das crianças por ficar limitada a uma linha previamente criada pelo professor referente ao que ele espera do aluno. Não deixando margem para novas situações que podem aparecer e formas diferentes de se construir um conhecimento (HOFFMANN, 2010).

3 O QUE PRECISA SER CONSIDERADO NA AVALIAÇÃO

Conforme Hoffmann (2010), no processo avaliativo o professor precisa levar em conta todo o processo de construção e evolução do aluno. A simples classificação em notas ou conceitos em muitos casos não representam verdadeiramente o nível de aprendizado ou o potencial que o aluno desenvolveu.

Franco (1991) diz que o processo de avaliação é decisório na trajetória do aluno, definindo, por exemplo, sua situação de aprovado ou reprovado ao final do ano letivo. Por isso é importante que o professor utilize a avaliação para repensar sua prática pedagógica, mantendo ou alterando metodologias a partir das necessidades observadas a partir de uma análise do processo avaliativo.

Depresbiteris (1991, p. 53) diz que o que ocorre em muitos casos no momento da avaliação é que é levado em conta somente

[...] a função administrativa da avaliação da aprendizagem, pela qual só se exige uma nota final, descartando a função de orientação que ela deve exercer. Assim, [...] o que se valoriza na escola, na maioria das vezes, é o papel, o registro, o procedimento formal. A maior preocupação fica centrada na nota, sem que haja nenhuma interpretação para a indicação de recuperações necessárias, melhoria de procedimentos didáticos e avaliação da própria avaliação.

Segundo a autora, a partir da avaliação o aluno é classificado de acordo com seu desempenho e se alcançou ou não os objetivos de ensino e aprendizagem pré-estabelecidos. “A prática classificatória da avaliação é antidemocrática, uma vez que não encaminha uma tomada de decisão para o avanço, para o crescimento” (LUCKESI, 2010, p. 77).

Dessa forma, segundo Esteban (2003), é através da avaliação que o educador vai reconhecer aquilo que o aluno já sabe e o que não sabe, além do ele espera que os alunos ainda saibam e planejar suas ações de forma a buscar alcançar esse resultado esperado. A avaliação também se torna fundamental na investigação e diagnóstico de alunos que apresentam sinais de que estão passando por alguma dificuldade em seu processo de aprendizagem. Assim o professor poderá agir de forma a atender as especificidades de cada aluno.

Para Depresbiteris (1991), o currículo não pode ser visto como algo constante e inalterável é preciso entender as alterações sociais e contradições que podem ocorrer e estar aberto para lidar com essas mudanças construindo de forma participativa e crítica um conhecimento sobre essas variantes. Nesse caso a avaliação deve ser analisada conforme seu significado e qualidade a fim de contribuir com o desenvolvimento do aluno.

A avaliação hoje, como geralmente acontece, baseia-se em formulação de provas ou testes depois de um período de estudos, definido como unidades de ensino, como forma do professor avaliar os entendimentos e rendimentos dos alunos conforme o que ele espera que os alunos saibam (LUCKESI, 2010).

Quando se fala em recuperação, é preciso que ela seja pensada de forma a recuperar a aprendizagem e não apenas a nota. “O que se verifica é que, na maioria das vezes, a recuperação

é realizada no final do período letivo, servindo apenas para o aluno recuperar a nota, sem que se atue no mais importante: seu processo de aprender” (DEPRESBITERIS, 1991, p. 71). O que ocorre na maioria das vezes é a aplicação de uma nova prova, conferindo ao aluno outra nota sem que tenha sido feito uma análise da prova anterior para investigação do motivo do erro e discussão e esclarecimento de dúvidas para evitar nova falha.

É necessária uma problematização da importância de avaliar e como seus resultados influenciam na formação do aluno.

Os problemas com a nota são decorrentes da falta de explicação quanto às finalidades da formação do aluno. Dessa maneira é fundamental que se questione: que representa a nota no sistema escolar? Um mero símbolo pelo qual se aprova ou reprova o aluno, ou uma informação quantitativa que deve ser descrita qualitativamente, para que melhorias sejam efetuadas no processo de ensino? (DEPRESBITERIS, 1991, p. 72).

Assim é preciso compreender e reavaliar como estão sendo utilizadas essas notas e utiliza-las como forma de averiguar como está o processo de ensino, utilizando esse referencial para realizar as melhorias necessárias. A avaliação é parte intrínseca do processo educativo e tem papel importante na busca por uma formação integral do aluno e por isso deve ser levada em consideração para uma transformação que busque alcançar esses objetivos.

O processo avaliativo não se completa ao se descobrir quais as potencialidades e fragilidades do aluno e se estão ou não alcançando um bom rendimento escolar (verificado a partir de notas). A avaliação precisa ir de encontro às “necessidades do educador para indicar-lhe caminhos, refletir sua ação entre os alunos. Atribuir-lhe função classificatória, seletiva, discriminatória é desviá-la de sua função básica. Mais ainda, é transferir a responsabilidade do ensino para a avaliação” (SOUSA, 1991, p. 144) É importante uma investigação das causas que estão promovendo esses bons resultados, contribuindo para a evolução do aluno. E o que pode ser melhorado nesse processo.

Segundo Sousa (1991), a principal função da avaliação deveria ser a percepção do nível em que o aluno se encontra em relação aos objetivos que se pretende alcançar e os motivos que os fazem alcançá-los ou não. Buscando estratégias com intenção de que todos atinjam as metas esperadas e a avaliação não se torne uma forma de limitação aprovando ou reprovando os alunos. O aluno precisa conseguir aprender com a avaliação e não está apenas servir como forma de classificação do que ele aprendeu ou não.

Hoffmann (1996, p.9) diz que “a prática avaliativa [...] surge como um elemento de controle sobre a escola e sobre as professoras que se veem com a tarefa de formalizar e comprovar o trabalho realizado via avaliação das crianças”. Segundo a autora o professor

precisa assumir seu compromisso no papel avaliativo, não conferindo aos alunos apenas notas para classificar seu desempenho, mas reavaliando seu trabalho pedagógico a partir das exigências observadas.

Para Hoffmann (1996, p. 28) a processo de avaliação ocorre já na educação infantil, através de pareceres muitos dos quais considerados a partir de trabalhos encaminhados pelo professor, para desenvolver as áreas afetivas, cognitivas e psicomotoras de forma distintas não levando em consideração a importância de trabalhá-los de forma relacionada por tratarem de fatores indissociáveis para seu desenvolvimento. “Os registros de avaliação deverão resguardar a singularidade da história de cada criança e do acompanhamento dessa história construída a partir de suas vivências no grupo.” Ao professor cabe mediar um espaço que oportunize as crianças a experimentação, curiosidade e o desafio, respeitando as capacidades individuais de cada um estimulando a construção autônoma de novos conhecimentos.

Depresbiteris (1991) classifica a avaliação como sendo: Diagnóstica, quando tem por finalidade descobrir as dificuldades do aluno, e encontrar meios para que ele possa superar essas dificuldades e avançar em sua aprendizagem, e Formativa quando usada como “um meio de indicar que objetivos o aluno alcançou e os que deixou de alcançar” (DEPRESBITERIS, 1991, p. 66). Levando em conta as dimensões afetivas, cognitivas e sociais dos alunos, primeiro são colhidas as informações para análise e reconhecimento de quais objetivos foram alcançados e, para os que não foram atingidos descobrir formas de orientação para que o aluno possa reconstruir seu aprendizado de forma mais adequada.

4 AVALIAÇÃO COMO PRÁTICA PARTICIPATIVA E CONSTRUTIVISTA

Lüdke e Mediano (1997), entendem que parece haver um consenso geral ao se afirmar que é preciso avaliar todos os aspectos da criança, em tempo integral e não apenas ao final do processo. Atentando-se a cada progresso, ultrapassando os aspectos técnicos. Defendem ainda que não são apenas os alunos que devem ser avaliados. O professor também deve ser avaliado por seus colegas e pela direção, que por sua vez são avaliados pelos próprios alunos. Além da constante avaliação que os pais e a demais sociedade em geral faz da escola e todos os seus envolvidos.

A preocupação em atingir os objetivos esperados ao final do ano letivo acaba pressionando a ação educativa e a avaliação se concentra em verificar se o nível de aprendizagem do aluno é condizente com o que se espera. Principalmente durante os primeiros anos onde há uma preocupação especial com o processo de alfabetização das crianças “o que

influenciará decisivamente, não apenas o curso de sua trajetória escolar, mas o curso de sua própria vida” (LÜDKE E MEDIANO, 1997, p. 76).

Segundo Lüdke e Mediano (1997), a avaliação não deve apenas indicar quanto o aluno rendeu e servir de base para sua aprovação ou reprovação. É necessário uma preocupação com a qualidade do ensino e uma auto avaliação do professor sobre sua prática docente e reorganizar suas metodologias descobrindo formas de facilitar e estimular o desenvolvimento dos alunos.

A avaliação deve estar vinculada com uma análise que vise melhorar o processo de aprendizagem nos alunos. Para isso, primeiro o professor precisa ter claro quais são seus objetivos ao avaliar, se ele busca apenas medir o conhecimento dos alunos ou pretende por meio dela melhorar seu trabalho, aprimorando o currículo, metodologias e práticas docentes, de forma a melhorar o crescimento acadêmico dos alunos. Parcerisa (2003, p. 11) diz que “Trata-se de uma concepção da avaliação como um processo constituído por três fases: coleta de informação, análise e tomada de decisões”.

Jorba e Sanmartí (2003) atestam que quando avaliação é usada apenas como forma de classificar os alunos, tem por objetivo mostrar aos pais e aos alunos seu conhecimento e rendimento como subsídio para sua aprovação ou reprovação. Já quando ela é pensada como uma ferramenta pedagógica torna-se muito útil para melhorar a qualidade do ensino.

Parcerisa (2003, p. 12) defende que:

Se não atingimos as três fases do processo, fazemos uso incompleto da avaliação e, talvez, a estejamos usando para outras funções que desvirtuam seu sentido real e sua potencialidade educativa (por exemplo, quando convertemos a capacidade de avaliar que tem o professor em um instrumento ameaçador para impor disciplina na aula).

Conforme Jorba e Sanmartí (2003, p. 24-25) “é sobre a avaliação que gira o trabalho escolar. [...] um bom dispositivo de avaliação deve estar a serviço de uma pedagogia diferenciada capaz de dar resposta aos interesses e dificuldades de cada aluno”. Dessa forma, segundo os autores, a avaliação deve regular toda a prática dos professores, de acordo com o avanço ou dificuldades dos alunos, sendo realizada durante todo o processo e não como uma ação distinta do processo educativo.

A avaliação deve ser entendida como um processo integrado ao processo educacional, ocorrendo antes, durante e após o ensino. Quando feita antes do início das atividades elas podem ser: prognósticas, referindo-se a situação da turma como um todo, como forma de investigar as melhores metodologias a serem utilizadas, ou podem ser diagnósticas, ao se reportar a um aluno específico, para identificar suas dificuldades, possibilitando ao professor buscar maneiras de

atender as necessidades desse aluno para que ele também possa aprender. A avaliação durante o processo tem por finalidade ajustar o processo conforme o professor verificar ser necessário. “Se um estudante não aprende, não é apenas porque não estuda ou não possui capacidades mínimas: a causa pode estar nas atividades que lhe são propostas” (JORBA E SANMARTÍ, 2003, p. 30). Através de erros cometidos pelos alunos o professor pode investigar suas origens e motivos. Examinando a necessidade de regular de sua atuação para que os alunos superem suas dificuldades. Esse tipo de avaliação também é importante para salientar os acertos e potencialidades da turma reforçando essas características. Já a avaliação depois do ensino garante uma comprovação confiável dos resultados objetivos, obtidos através de uma construção constante (JORBA E SANMARTÍ, 2003).

Méndez (2002, p. 17) diz que:

Se fazemos da avaliação um processo contínuo, não há razão para o fracasso, pois sempre chegaremos a tempo de agir e interagir inteligentemente no momento oportuno, quando o sujeito necessita de nossa orientação e de nossa ajuda para evitar que qualquer falha detectada torne-se definitiva.

Méndez (2002) defende que designar testes e provas como meio referencial de avaliar o aluno mantém interesse apenas no que vai cair na prova, deixando de lado a preocupação com uma formação integral, sendo que sabendo somente o que se pede na prova ele terá seu rendimento classificado como sendo bom.

Segundo Hoffmann (2003) é preciso ter consciência de que os alunos se constroem a partir do meio social em que vive e de suas interações, se tornando dependente de condições que lhe são oportunizadas para se desenvolver cada vez de forma mais complexa. O método avaliativo utilizado deve atender a essa heterogeneidade, respeitando as diferenças individuais, não se restringindo a padrões uniformes e exatos que não permitem aberturas para outras formas de leitura e interpretação de conceitos.

Para Hoffmann (2003), a prática da avaliação, tal como hoje costumeiramente é realizada estanca o conhecimento. Mesmo que o professor trabalhe seguindo uma linha baseada na mediação, “A prática tradicional coloca um ponto final a cada tarefa que o aluno faz. [...] O professor, assim, anula o caráter de continuidade de sua própria ação educativa e impede ao aluno o progresso natural em termos de processo de conhecimento” (HOFFMANN, 2003, p. 66). Dessa forma percebe-se a necessidade da avaliação como prática contínua, para que o aluno não baseie sua ação educativa em compreender para demonstrar isso em provas, sendo classificado quanto a seu desempenho e depois já passar para um novo assunto que também

precisa ser comprovado em termos de domínio através de testes, fragmentando assim a atividade educacional, não sendo entendida como um processo contínuo e interligado.

Sant'Anna (2009) define a avaliação como sendo um meio do professor verificar o resultado de suas ações e práticas dando suporte para as alterações necessárias. Porém, a autora defende que o aluno também precisa participar do processo de avaliação, ganhando vez e voz para manifestar sua perspectiva quanto ao trabalho desenvolvido pelo professor, levando em conta sua opinião sobre uma educação significativa para alcançar objetivos esperados. “A avaliação só será eficiente e eficaz se ocorrer de forma interativa entre professor e aluno, ambos caminhando na mesma direção, em busca dos mesmos objetivos” (SANT'ANNA, 2009, p. 27). Quando baseada em objetivos concretos, a avaliação torna-se uma ferramenta fundamental para a melhoria do ensino, beneficiando ambos os envolvidos no processo.

Os critérios utilizados pelo professor ao realizar sua avaliação, devem desempenhar a função de observar o progresso do aluno quanto aos objetivos esperados, não o classificando segundo seu rendimento ou comparado com outros colegas, causando-lhe constrangimento e sentimento de inferioridade. Ele deve ser avaliado segundo sua própria evolução durante o processo.

Para Luckesi (2010), ao realizar a avaliação, os erros também podem ser usados para melhorar o processo de aprendizagem. Ela mostra que ainda não se alcançou o propósito esperado, e dessa forma o professor pode repensar suas metodologias para que facilitem e melhorem a compreensão do aluno na caminhada rumo aos objetivos.

Segundo Luckesi (2010) quando a avaliação ocorre de forma participativa, junto com os alunos, oportuniza tanto para os professores como para os alunos uma auto compreensão. O professor pode investigar quão eficiente está seu trabalho, pela perspectiva do aluno, e este pode constantemente estar ciente de seu nível de aprendizagem, conhecendo seus limites e as possibilidades de melhorias.

Luckesi (2010) defende que a avaliação precisa ser entendida como um instrumento auxiliador e facilitador do processo educacional. “O planejamento define os resultados e os meios a serem atingidos; a execução constrói resultados; e a avaliação serve de instrumento de verificação dos resultados planejados que estão sendo obtidos [...]” (LUCKESI, 2010, p. 149-150). Durante o planejamento, o professor escolhe o que e como vai trabalhar. Nessa perspectiva a avaliação serve como uma crítica construtiva sobre o que se pretende trabalhar, de que forma e quais os objetivos esperados. Além dos percalços que podem ocorrer contribuindo na busca de meios alternativos de reformular propostas para superar as dificuldades encontradas.

Para Luckesi (2010), a avaliação se torna um ato de amor quando feito de forma acolhedora, integrativa e inclusiva. Quando seu objetivo é o diagnóstico, através dela se percebe quando um aluno está com dificuldade possibilitando ao professor redirecioná-lo o auxiliando a encontrar a melhor forma de ampliar sua aprendizagem incluindo-o, está se agindo através de um ato de amor garantindo a todos a busca pelos melhores resultados no processo de ensino e aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avaliar precisa ser muito mais que apenas dar notas, é preciso considerar a avaliação como uma forma de aprender e continuar aprendendo. Uma avaliação participativa proporciona a motivação para o crescimento dos alunos, reconhecendo os limites e ampliando as possibilidades. Dessa forma entende-se que a prática da avaliação no processo de ensino e aprendizagem precisa ser repensada para proporcionar aos alunos seu desenvolvimento não sendo usada apenas como forma de medir os resultados finais e classificá-los de acordo com os objetivos desejados, mas sim como um meio de investigar como está ocorrendo o processo e se são necessárias alterações.

A prática da avaliação precisa ser pensada com uma oportunidade para que tanto o professor possa avaliar sua metodologia, se está alcançando seus objetivos, se está encontrando dificuldades, quanto para que os alunos consigam analisar seu próprio rendimento não apenas sendo classificado segundo uma nota ou conceito que finda seu processo de aprendizado.

A avaliação precisa ser usada como forma de melhorar o desempenho ocorrendo de forma contínua e participativa oportunizando conhecimento e desenvolvimento, possibilitando ao professor interferir quando for necessário, reconstruindo o caminho da aprendizagem, através da avaliação do processo, analisando os progressos e os percalços encontrados servindo como oportunidade de criar estratégias para superar os obstáculos buscando o crescimento e aprendizado de todos os alunos deixando de ser visto como a pior parte do processo educativo.

REFERÊNCIAS

DEPRESBITERIS, Lea. Avaliação da aprendizagem – Revendo conceitos e posições. In: SOUSA, Clarilza Prado de (org). **Avaliação do rendimento escolar**. 7. ed. Campinas: Papirus, 1991. p. 51-76

ESTEBAN, Maria Teresa. A avaliação no cotidiano escolar. In: ESTEBAN, Maria Teresa (org). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 7-28.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. Pressupostos epistemológicos da avaliação educacional. In: SOUSA, Clarilza Prado de (org). **Avaliação do rendimento escolar**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 1991. p. 13-26.

GARCIA, Regina Leite. A avaliação e suas implicações no fracasso/sucesso. In: ESTEBAN, Maria Teresa (org). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 29-49.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

_____. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 23.ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

_____. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

JORBA, Jaume; SANMARTÍ, Neus. A função pedagógica da avaliação. In: BALLESTER, Margarita et al. **Avaliação como apoio à aprendizagem**. Tradução de Valéria Campos. Porto Alegre: Artmed, 2003 p. 23-45

MÉNDEZ, Juan Manuel Álvarez. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Tradução de Magda Schwartzaupt Chaves. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LÜDKE, Menga; MEDIANO, Zélia. (coords.) **Avaliação na escola de 1º grau: uma análise sociológica**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1997.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PARCERISA, Artur. Introdução. In: BALLESTER, Margarita et al. **Avaliação como apoio à aprendizagem**. Tradução de Valéria Campos. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 11-13

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? : como avaliar? : critérios e instrumentos**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUSA, Clarilza Prado de. Avaliação do rendimento escolar – Sedimentação de significados. In: SOUSA, Clarilza Prado de (org). **Avaliação do rendimento escolar**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 1991. p. 143-150